

PESQUISA HISTÓRICA E CONTEXTO ARQUEOLÓGICO – O CEMITÈRIO DE JURUJUBA

AS DIFERENTES FASES DE OCUPAÇÃO DO TERRENO E SEU ENTORNO

Primeira fase – O Lazareto

O Lazareto instalado em Jurujuba, dirigido pelo presidente da Junta Central de Higiene Pública, Francisco de Paula Cândido, foi inaugurado em 1851, na sequência de outros três que se encontravam no Hospital Nossa Senhora do Livramento, na Ilha de Bom Jesus e no Saco dos Alferes.

Uma observação importante se faz necessária: pelo menos um periódico sugere que, em 1850, o lazareto foi reaberto, tendo “recolhido 426 enfermos, dos quais 167 sucumbiram” (O Guanabara, 1850, p. 79). No Relatório do Ministério do Império de 1850, informa-se mesmo que havia em Jurujuba um “lazareto provisório”. Existe, portanto, a concreta possibilidade de haver, no mesmo espaço, alguma estrutura anterior de acolhimento, oficializada e melhor estruturada em 1851.

O Lazareto tinha como intuito prioritário atender passageiros e tripulantes que chegassem por mar ao Rio de Janeiro e fossem suspeitos de portar alguma doença infecciosa, com especial preocupação inicial com a febre amarela, que grassava com frequência desde 1849.

A princípio, em função da redução dos contágios, a instituição funcionou por pouco tempo, cerrando suas portas no mesmo ano de inauguração. Em 1852, contudo, foi reaberto em função de mais uma epidemia de febre amarela. Manteve-se ativo até 1853, momento em que foi criado o Hospital Marítimo Santa Isabel.

Nesse primeiro momento, já há registros da existência de um cemitério instalado no terreno da instituição. A preocupação central era evitar o trânsito pela cidade de falecidos em função de doenças contagiosas. Lembremos que a primeira necrópole pública de Niterói, o Maruí, somente foi inaugurada em 1855, mesmo que ainda não concluída, exatamente devido ao grande número de mortes relacionadas a uma epidemia de cólera. Nesse momento, definitivamente foram proibidos na capital fluminense os enterramentos em igrejas. Antes, essa era a prática mais comum, havendo apenas pequenos campos santos em Icaraí, Pendotiba e Centro.

No cemitério do Lazareto, é provável que a maior parte dos sepultados tenham sido de estrangeiros, em geral homens e brancos, em geral solteiros da faixa etária de 16 a 30 anos. Há dados de que, por décadas, esse foi o perfil majoritário dos atendidos em função de ser prioritariamente dedicado a quem chegava pelo mar. Trata-se de uma hipótese que temos que investigar mais a fundo.

De toda forma, foi grande o número de mortos em função de doenças infecciosas, ainda que paulatinamente reduzido e menor do que outras instituições da Corte/Niterói. Para que se tenha uma ideia, de 21 de janeiro a 27 de abril de 1851, de 375 pacientes, todos que chegaram ao Brasil por mar, 191 vieram a óbito. Não é difícil que uma boa parte tenha sido enterrada no próprio cemitério que se encontrava nos terrenos do Lazareto.

64 **MINISTERIO DO IMPERIO.**
Mapa do movimento do Lazareto da Jurujuba durante o anno de 1851 e 1852.

1851. M.E.S.	ENTRADA,			SAHIDA.		
	Existente.	Entradas.	Total.	Casos.	Mortos.	Total. Ficou extinto.
Janeiro		6	6		3	3
Fevereiro	3	45	48	5	21	26
Marco	22	196	218	40	113	153
Abril	65	141	206	81	66	147
Mai	59	70	129	59	36	95
Junho	34	25	59	36	11	47
Julho	12	3	15	9	5	14
Somma		486	486	230	255	485
N. B. A mortalidade foi de 52 1/2 %, e um pouco mais.						
1852.						
Marco		308	308	146	111	257
Abril	51	187	238	114	85	199
Mai	39	105	144	86	39	125
Junho	19	68	87	60	21	81
Julho	6	38	44	24	12	36
Agosto	8	8	16	10	2	12
Setembro	4	10	14	12	2	14
Somma		724	724	452	272	724
N. B. A mortalidade foi de 37 1/2 %, e um pouco mais.						

Mapa do movimento do Lazareto, 1851/1852.
 Almanak Laemmert, 1853.

Nos periódicos, há dados diversos sobre os internados, recuperados e mortos no Lazareto.

SANTA CASA DA MISERICORDIA — O
administrador do hospital da Santa Casa da Misericórdia, por ordem superior, faz publico que não podem ser admitidos no mesmo hospital, nem nas enfermarias do hospício de N. S. do Livramento, marinheiros doentes de febre amarella, nem outras quaesquer pessoas vindas do mar; e que se algum doente da referida molestia vier procurar o mencionado hospital ou hospício, será immediatamente remetido para o lazareto da Jurujuba, como foi requisitado por parte do Sr. presidente da junta de hygiene publica. Hospital da Santa Casa da Misericórdia, 8 de fevereiro de 1851. — *Antonio Bento de Vassimon.*

Informe de que o Lazareto de Jurujuba era a instituição que acolhia os que chegavam por mar e apresentavam sintomas de doenças infecciosas.

Correio Mercantil, 10 fev. 1851, p. 3.

John Macdonald, Inglez, 30 annos, marinheiro.
Falleceu de febre amarella no lazareto da Jurujuba.
Sepultárão-se todos no cemiterio de S. Francisco Xavier.

Anúncio de falecido em Jurujuba, enterrado, contudo, no cemitério de São Francisco Xavier.

Jornal do Comércio, 5 dez. 1852, p. 1.

Em 1856, o espaço ganhou nova conformação com a instalação de uma nova instituição: o Hospital Marítimo de Santa Isabel.

Segunda fase – O Hospital Marítimo de Santa Isabel

O Hospital Marítimo de Santa Isabel foi criado em 1853, inicialmente previsto para ser instalado no Porto do Rio de Janeiro. Em Jurujuba, efetivamente, a instituição foi inaugurada em 1856, uma decisão que desencadeou grande debate em Niterói, manifestas preocupações de que pudesse prejudicar a saúde da população em função dos contágios.

O Hospital foi criado para que funcionasse como um lazareto permanente, melhor estruturado do que a antiga iniciativa. No decorrer do tempo, atendeu aos contaminados não só pela febre amarela como também por outras doenças infecciosas, como a cólera que se difundiu pelo mundo nos anos de 1854/1855.

Vale destacar que muitas obras de adequação foram feitas no pavilhão principal do hospital, bem como no amplo terreno em que estava instalado, novas construções para que

a instituição melhor cumprisse seus fins. Essa é uma informação relevante para que tenhamos em conta a localização do antigo cemitério.

Nesse primeiro momento, como hipótese de trabalho, a depois ser investigada, sugerimos que esse cemitério se encontrava à direita da casa principal, em direção ao atual túnel Charitas-Cafubá. As iconografias nos mostram um platô nessa área, logo depois do muro de arrimo. Já que, por ora, não vamos trabalhar com essa instalação, como vamos esclarecer mais à frente, deixaremos para no futuro aprofundar tal prospecção, notadamente pelo interesse histórico.

Em 1859, quando houve uma reformulação dos serviços, o Hospital de Santa Isabel seguiu sendo “destinado para receber e tratar todas as pessoas pertencentes às tripulações dos navios surtos no porto do Rio de Janeiro, que enfermarem ou estiverem ameaçados de enfermar de moléstia pestilencial” (Decreto nº 2416 de 30/04/1859). A essa altura, foi dividido “em enfermarias gerais e particulares, sendo as primeiras destinadas para os marinheiros, e as segundas para os pilotos e capitães dos navios mercantes”, havendo também “quartos para os oficiais dos navios de guerra”. Não se informou onde eram acolhidos os passageiros, mas sabemos que esses também realizaram a quarentena na instituição.

Estava previsto que, “além das enfermarias e quartos de que trata o artigo antecedente, haverá salas para escritório, para farmácia, para os doentes que entrarem moribundos, e finalmente as acomodações necessárias para dispensa, arrecadação, cozinha, refeitórios, morada dos empregados que devam residir no estabelecimento e depósito para os cadáveres”.

Note-se que, embora não explicitamente, se fez uma menção a existência da necrópole: “Art. 54. Também é da obrigação do capelão inspecionar o serviço do cemitério, empregando o maior cuidado para que os enterramentos sejam feitos com respeito e decência, e observar as regras higiênicas prescritas no regulamento dos cemitérios”. Previam-se até mesmo os vencimentos do funcionário responsável por ser o “Acolito e guarda do cemitério” (600\$ de ordenado e 600\$ de gratificação).

Na verdade, aparentemente, a partir desse momento o cemitério passou a se apresentar mais estruturado. Apesar disso, e até mesmo por isso, pelos jornais se debateu o fato de que fazia falta um espaço mais adequado para acolher os cadáveres que eram em número crescente. Com a reformulação de 1859, essa expectativa foi provisoriamente

atendida, mas não de forma considerada plena. No mesmo ano, começaram a ser publicados anúncios citando a necrópole que fora renovada.

— Amanhã celebrar-se-hão missas por
atma de :
Horacio da Gama Moret, ás 8 1/2 horas,
na igreja da Lapa ;
D. Mathildes Maria Corrêa, ás 8 horas,
na capella do cemiterio da Jurujuba ;

Anúncio de missa no cemitério de Jurujuba.
Correio da Tarde, 25 fev. 1859, p. 4.

Pelo que foi possível perceber, a maior parte dos sepultados no cemitério da Jurujuba seguiu sendo de gente que não resistiu às doenças infecciosas. O novo regulamento de inspeção de saúde de Portos, de 1861, estabeleceu mesmo que “todas as pessoas falecidas a bordo de moléstia infectuosa ou contagiosa (deveriam) ser inumadas no Cemitério do Hospital Marítimo” (Boletim do Expediente do Governo, janeiro de 1861, p. 9).

Remettido o cadaver para o cemiterio da Jurujuba, e o doente para o hospital, foi o navio convenientemente desinfectado e conservado em quarentena por oito dias, depois dos quaes se lhe deu livre pratica; ninguem mais tendo adoecido, e salvando-se o doente que tinha sido enviado para o hospital.

Anúncio de uso do cemitério de Jurujuba.
Relatório da Repartição dos Negócios do Império, 1867, p. 4.

De outro lado, vale citar que, em alguns momentos, o Hospital foi autorizado a receber escravizados, desvalidos e indigentes, desde que não houvesse lotação em função de alojados que chegaram nos navios, algo que ocorreu em diversas ocasiões. Houve mesmo, em 1868, um conflito com a população local que, acometida de cólera, supostamente por contágio ocasionado por acautelados estrangeiros no bairro, reivindicou ser tratada na instituição. Frente às negativas dos seus dirigentes, gestou-se uma grande tensão na cidade.

Nessa ocasião, uma vez mais se anunciou que o cemitério do Maruí não dava conta do tamanho número de mortos, até mesmo por negativa dos funcionários de enterrarem contaminados pela cólera. De novo, a necrópole de Jurujuba foi utilizada como opção de emergência, até mesmo para sepultar gente que não pertencia ao serviço marítimo.

Na verdade, não se tratava de um grande cemitério. Aparentemente, parecia bem simples, como podemos ver na descrição a seguir, de um cronista do Correio Mercantil (6 abr. 1860, p. 1) que visitou o Hospital Santa Isabel:

X.
Quiz inebriar-me de todas as sensações pavorosas: fui ao cemiterio.
Ahi estão separados catholicos e protestantes, que o Deus unico julgará pela regra geral do seu procedimento neste mundo e não pelas distincções dos cultos.
Sobre os tumulos dos herejes vivem flores innocentes, em tudo iguaes ás que vecejão no campo catholico ; e no meio da triste mansão ergue-se o symbolo da vida eterna, o patibulo de Christo, redemptor do genero humano.
Oh ! o cemiterio é pequeno para o numero de victimas.
Os vivos temem-se de sua posição a barlavento. Apesar de uma mouta copada, que o separa do hospital, e de grande differença de nivel entre ambos, as ventanias do Sul espalhão pela casa de saude os atomos pestilenciaes que sobrenadão em tão lugubre paragem.
E' uma fatal attracção que está exercendo a morte sobre a vida : cumpre pôr os defuntos a sotavento.

A partir de 1861, o Hospital foi ganhando diferentes conformações já que somente mantinha-se em plena atividade em momentos de epidemia ou em função de alguma necessidade. Acolheu, por exemplo, para quarentena, militares, inválidos, prisioneiros, passageiros e tripulação que chegavam da Guerra do Paraguai com algum sintoma de doença infecciosa (como a cólera, que grassou nos campos de combate). Esse quadro só mudou em 1886, quando a instituição se tornou de funcionamento permanente e em definitivo aberta não só para viajantes com suspeita de contágio, como também para a população em geral que apresentava problema semelhante.

MOVIMENTO DO HOSPITAL MARITIMO DE SANTA IZABEL, DE 1873 A 1887

ANOS	EXISTIAM	ENTRARAM	TOTAL	FALLECERAM	SAHIRAM	EXISIEM	FALLECIDOS			
							F. AMA- RELLA	M. COMMUM	MAR	TERRA
1873	806	806	193	613	191	2	193
1876	743	743	159	584	159	159
1877	543	543	70	459	14	70	70
1878	14	1405	1419	249	1166	4	247	2	249
1879	4	651	655	168	487	166	2	168
1880	827	827	191	606	30	188	3	177	14
1881	30	333	363	40	321	2	38	2	40
1882	2	164	166	56	109	1	50	6	4	52
1883	1	758	759	271	487	1	270	1	10	261
1884	1	905	906	242	663	1	239	3	39	203
1885	1	248	249	71	168	10	71	7	64
1886	10	1211	1221	433	788	432	1	59	374
1887	144	144	37	99	8	37	26	11

Anais da Academia de Medicina do Rio de Janeiro, 1887, p. 406.

Nesse interim de tempo, manteve-se ativo o cemitério, com limites de funcionamento em função de seu tamanho reduzido. Em 1883, quando houve mais uma epidemia de febre amarela, o governo reconheceu que esse se tornou um problema grave, já estando o campo santo de Jurujuba saturado e impossibilitado de receber sepultados por alguns anos. Aventou-se mesmo a construção de uma nova necrópole, sendo fator restritivo a falta de terreno adequado para tal (Relatório da Repartição dos Negócios do Império, 1883, p. 7).

De fato, nas décadas de 1870 e 1880, em esferas da Corte, Província e município, houve muitos debates sobre a necessidade de melhorar as condições do cemitério de Jurujuba em função das epidemias constantes. Verbas públicas foram destinadas para ao menos melhorar seu estado de conservação.

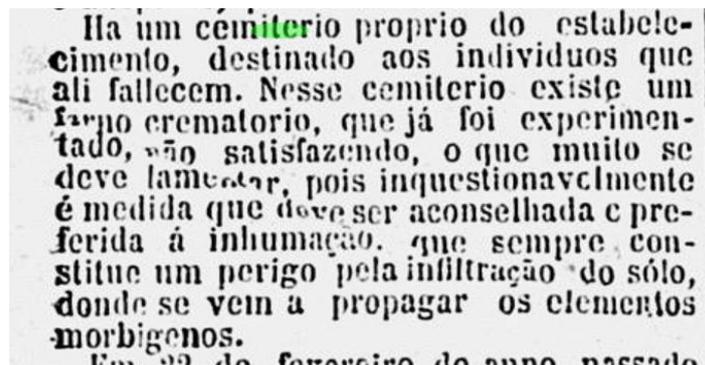
Entre as maiores preocupações, como o Hospital era basicamente destinado a contaminados por doenças infecciosas, havia o temor de transporte dos cadáveres. Em alguns casos, isso significou o uso de embarcações com destino ao cemitério do Caju. Em outros, talvez o mais preocupante para alguns, tratava-se de fazer percurso até o Maruí. Como solução imediata, foi autorizada a instalação de um forno de cremação para utilização em tempos de epidemia.

Além da falta de espaço, havia uma grande preocupação com sua inadequação por estar instalado em terreno baixo e pantanoso. De toda forma, em 1889, vemos a notícia de

enterro de um oficial do Exército que servia na Fortaleza de Santa Cruz (Jornal do Comércio, 24 fev. 1889, p. 1). Marcos Antônio da Silva morreu de um problema cardíaco.

Mesmo com as limitações citadas, trata-se de um indício de ampliação do perfil da necrópole, inclusive no tocante ao fato de que por lá foram sepultadas pessoas que gozavam de algum reconhecimento social, não somente gente de menor poder aquisitivo. Além disso, pode ter acolhido mais gente morta em função de causas diversas, não só de doenças contagiosas.

Em 1893, um cronista que visitou o Hospital Santa Isabel deu conta de que, de alguma forma, o cemitério permanecia com algum grau de atividade. No seu olhar:



Ha um cemitério proprio do estabelecimento, destinado aos individuos que ali fallecem. Nesse cemiterio existe um forno crematorio, que já foi experimentado, não satisfazendo, o que muito se deve lamentar, pois inquestionavelmente é medida que deve ser aconselhada e preferida á inhumação. que sempre constitui um perigo pela infiltração do sólo, donde se vem a propagar os elementos morbigenos.

O Paiz, 27 mar. 1893, p. 2.

O Hospital estava em vias de adotar nova dinâmica. Vejamos como ficou o cemitério com tal mudança.

Terceira fase – Hospital Paula Cândido

Em 1898, a instituição passou a se chamar Hospital Paula Cândido, seguindo aberta também ao grande público, não só para quem chegava ao país por embarcações. De toda maneira, manteve-se majoritariamente dedicado ao tratamento de doenças infecciosas, notadamente a varíola, peste bubônica e tuberculose. Em sua trajetória, desempenhou notáveis funções públicas e teve no seu corpo técnico importantes nomes da medicina, como Carlos Chagas e Antônio Pedro Pimentel, e da enfermagem, como Rachel S. Haddock Lobo.

Há indícios de que, nessa nova fase, foram realizadas diversas reformas, inclusive no pavilhão principal, adotando-se um padrão que se vislumbra em algumas construções que

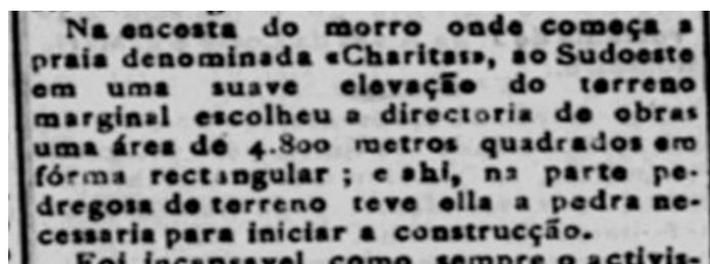
permanecem de pé, como a atual Coordenação de Arquivos da Universidade Federal Fluminense, mais ao estilo *art nouveau*, diferente do perfil neoclássico que ainda se vislumbra na Casa da Princesa.

A princípio, pelo que foi possível perceber nos periódicos, a partir de escassas evidências encontradas, o cemitério continuou a existir com pouco movimento. É provável que não tenha acolhido muitos sepultamentos, mantendo-se, contudo, seu papel de culto à memória dos que estavam enterrados, um indício de que estivera a funcionar de maneira regular, mais aproximado do que ocorria em outras necrópoles, não apenas para gente que morrera por alguma doença infecciosa.

Nos periódicos, destacava-se sua preparação e o afluxo de visitantes em datas sagradas, como o dia de finados. Era grande, a propósito, a cobrança pública pela manutenção das suas instalações, inclusive reivindicações de que fosse melhor capacitado e assalariado o guarda do cemitério.

Em 1899, já é possível identificar maior número de inumações, tais como a do filho do capitão Luiz Jorge Vidal, subdelegado do sexto distrito. Todavia, esse e outros enterros já têm relação com uma nova fase do cemitério. Tratou-se de uma iniciativa da Câmara Municipal, que patrocinou a construção de uma nova necrópole, mais confortável e modernizada. O campo santo se deslocara para outro terreno nas redondezas do antigo.

Vendo as descrições, abaixo um extrato de uma delas, é muito provável que se encontrasse nas redondezas de onde, nos dias atuais, está instalada a Maternidade Alzira Alves, o terreno no qual será promovida a prospecção arqueológica.



O Fluminense, 10 out. 1899, p. 1.

Nessa matéria se pode encontrar uma descrição minuciosa do novo cemitério.

Essas duas boas descrições abaixo serão muito úteis para nossos esforços no trabalho de campo:

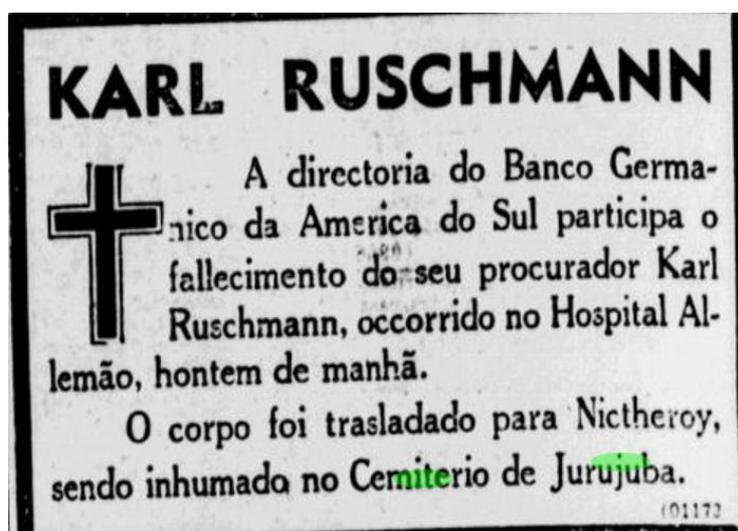
http://memoria.bn.br/DocReader/100439_03/9087?pesq=%22cemiterio%20Jurujuba%22

http://memoria.bn.br/DocReader/100439_03/9090?pesq=%22cemiterio%20Jurujuba%22

Em alguns períodos da década inicial do século XX, esse novo cemitério acolheu somente os falecidos no Hospital Paula Cândido, especialmente vítimas de doenças contagiosas. Todavia, em outros momentos esteve aberto para sepultamentos em geral. Por exemplo, em 1905, por lá foi enterrado um personagem insigne da cidade, o jornalista Alvares de Azevedo Sobrinho.

A necrópole passou a funcionar regularmente, em alguns momentos com muitos sepultamentos, apenas não sendo possível identificar com precisão se se tratava do antigo cemitério ou do novo, sendo mais provável essa última hipótese. Nesse sentido, há de se perguntar o que se passou com o antigo campo santo. Esse é um desafio que assumiremos no futuro já que, de imediato, nos interessa as ossadas encontradas no local da instalação mais recente.

Pelos jornais, encontramos muitos indícios sobre as pessoas que no cemitério de Jurujuba foram sepultadas, gente dos mais diversos perfis – que faleceu estando internada no Hospital ou não, personagens insignes da cidade (juízes, políticos, intelectuais, oficiais, empresários, entre outros), mas também pessoas menos renomadas (inclusive criminosos, indigentes e desconhecidos), até mesmo militares que participaram de uma sublevação na Fortaleza de Santa Cruz.



Como se trata de um documento preliminar, a seguir apresentamos um exemplo dessas informações. Posteriormente, na preparação do livro do projeto, pretendemos recuperá-las de forma mais detida.

EDITAL

Por ordem do exmo. sr. dr. prefeito de Nietheroy, faço publico que tem o prazo de 30 dias para reformarem as sepulturas abaixo no cemitério de Jurujuba, findo este prazo serão exhumados.

QUADRA A

Nome	Adultos	Ns.
Laura*	17
Marcolino José Mendouça.....	18
Jeronymo de Deus.....*	19
Balbina Francellina.....	20
Fermina Maria da Conceição.....	21
Francisca Teixeira Gomes.....	22
Henrique Coelho da Costa.....	23
Rosa Linda do Bomfim.....	24
Thomas Feliciano de Faria.....	25
Maria Joaquina da Silva Telles.....	26
Carolina Maria do Souza.....	27
Therza Maria da Conceição.....	29
Candida Euzebia Leonarda.....	30

QUADRA B

A Imprensa, 8 mar. 1911, p. 4.

O fato é que nos anos 1900/1910, vemos o cemitério de Jurujuba em plena atividade, junto com o do Maruí, do Sacramento e da Conceição (os dois últimos menores e de curta duração). Era tido como o mais bucólico por sua localização e formato, como podemos ver nessa matéria abaixo:

Jurujuba

O cemitério da Jurujuba é o menor desta capital e fica no districto que lhe dá o nome.

Longe, isolada, a necrópole da Jurujuba tem por visinho somente o mar, cujas ondas com os seus gemidos poeticos, despedaçamse na praia que lhe é fronteira, como homenagem aos que se foram para o alem.

A Capital, 3 nov. 1907, p. 1.

A diferença do volume de funcionamento se explicita nos dados da Câmara Municipal de Niterói. No Maruí, houve os seguintes números de sepultamentos: 1907 – 1624, 1908 – 2681, 1909 – 1541, 1910 – 1320. Já em Jurujuba foram, respectivamente nos mesmos anos, 96, 107, 92, 70. De toda forma, não se pode dizer que era pequena a movimentação do cemitério investigado.

As notícias de jornais dão conta não somente dos enterros como também das visitas de parentes por ocasião de certas datas, especialmente nos dias de finados. Da mesma forma, pelas páginas dos periódicos conseguimos acompanhar algo da vida administrativa do cemitério – orçamento, obras, nomes e pagamentos de empregados, custos de manutenção e de inumação. Para a iniciativa futura de preparação de um livro do projeto, temos bons dados para discutir o funcionamento da necrópole, inclusive no que tange a seu aspecto econômico.

Importante observar que o cemitério de Jurujuba serviu a outros fins. Por exemplo, era muito utilizado seu necrotério, que acolheu parte significativa das autopsias realizadas na cidade, mais um indicador de que ocupou algum espaço de importância no cotidiano de Niterói.

Há outro elemento a se ter em conta no trabalho de intervenção arqueológica. Há evidências de que, a princípio, não foi um cemitério-parque à moda do “Jardim da Saudade” (Rio de Janeiro) e do “Parque da Colina” (Niterói), com covas simples ao rés-do-chão. Aparentemente, pelo menos na parte onde eram enterradas as pessoas mais importantes, tinha uma dinâmica mais tradicional, com lápides, mausoléus e estatuária (veja uma notícia abaixo). Se assim o era, onde foi parar esse material com o fim do cemitério? Haveria indícios no terreno atual?

O sr. Marino Rosario Gamaro, negociante desta praça, teve a infelicidade, em 6 de dezembro do anno passado, de perder seu filho Antonio Gama, no Hospital Paula Cândido, victimado pelo mal do Levante.

Hontem, em lancha especial, com a competente permissão, foi o sr. Marino ao cemiterio da Jurujuba, acompanhado de grande numero de amigos e de socios das sociedades italianas Fratellenza Italiana, Liga Operaria Italiana e Società Foscaidese Umberto I, levando um rico mausoléu de mármore, que foi collocado na campa do finado Antonio, sendo tambem depositadas muitas coróis e grande quantidade de flores naturaes.

Jornal do Brasil, 26 jan. 1903, p. 1.

Nos anos iniciais da década de 1920, reduziu-se a movimentação do cemitério de Jurujuba. O quadro abaixo nos permite ter uma noção do reduzido número de sepultamentos. Em 1928, contudo, houve um incremento de inumações por o Hospital Paula Cândido ter se tornado um centro de referência no tratamento da tuberculose, recebendo inclusive doentes do Rio de Janeiro e de cidades das redondezas. Parte dos falecidos eram enterrados na necrópole.

CEMITERIO DA JURUJUBA

Movimento de 1° de Outubro de 1922 a 30 de Novembro de 1923

DATAS	Curações		Curações		Reformas de Curações		Reformas de Curações		Suspeitas	Indiscretos
	Adultos	Anjos	Adultos	Anjos	Adultos	Anjos	Adultos	Anjos		
1922 — Outubro...	0	0	1	4	1	0	0	0	0	1
Novembro	0	0	2	1	2	0	0	0	0	1
Dezembro	0	0	3	3	1	1	0	0	0	1
1923 — Janeiro...	2	0	3	11	2	0	0	0	0	1
Fevereiro	0	0	4	3	1	0	0	0	0	0
Março.....	0	0	4	9	0	1	0	0	0	2
Abril.....	0	0	3	11	2	0	0	0	0	2
Maio.....	0	0	5	12	1	0	0	0	0	1
Junho.....	1	0	2	6	2	0	1	0	1	3
Julho.....	0	0	4	7	0	0	0	0	0	4
Agosto...	0	0	4	7	2	0	1	0	0	0
Setembro	0	0	2	3	0	1	0	1	0	1
Outubro...	0	0	3	3	1	1	0	0	2	3
Novembro	0	0	7	4	1	1	0	0	0	1
Total...	3	0	38	68	17	2	2	1	0	23
	3		171		23		3			

Nichteroy, 19 de Dezembro de 1923. — O official municipal, Aureliano M. Azeredo. — Visto. Dr. Leonardo Mascia de Matta, Director.

Câmara Municipal de Nichteroy, 1923, p. 71.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/800139/1707?pesq=%22cemiterio%20Jurujuba%22>

Pelos dados que conseguimos, o cemitério manteve-se ativo nos anos 1930. Em 1934, por exemplo, se informou que foram arrecadados 2:580\$00 com enterramentos de adultos e 1:160\$00 com crianças, bem como 1:550\$00 com perpetuidade de sepulturas. No quadro a seguir, pode-se ver o número e perfil de inumados. A renda anual da necrópole era usualmente informada nos periódicos, dando conta de seu funcionamento constante.

CEMITERIO DE JURUJUBA		
Enterramentos effectuados		
	1º semestre	2º semestre
Sexo masculino	98	105
Sexo feminino	64	53
Nacionalidade brasileira	149	135
Nacionalidade estrangeira	11	13
Nacionalidade ignorada	2	—
Adultos	41	52
Menores	69	47
Adultos indigentes	44	56
Menores indigentes	8	3

Câmara Municipal de Niterói, 1935, p. 32

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/800139/3052?pesq=%22cemiterio%20Jurujuba%22>

Em 1937, foi mandado construir um “ossário” para que “os visitantes não tenham de assistir ao penoso espetáculo de ver ossos humanos espalhados por toda a parte” (Diário da Noite, 10 set. 1937, p. 3). Em vários momentos de sua trajetória, há denúncias de pouco cuidado com os restos mortais. Trata-se de outro indício a ter em conta no trabalho arqueológico.

A essa altura, o espaço já passava por mudanças em função do perfil de uma nova instituição que por lá se instalou: o Educandário Paula Cândido.

Quarta fase – Educandário Paula Cândido

Na segunda metade dos anos 1930, deixou de existir o Hospital Paula Cândido, sendo seus serviços transferidos para onde se encontrava o Hospital de Isolamento do Barreto, atual Hospital Ary Parreiras. Em 1935, virou um preventório infantil, destinado a crianças pobres e doentes. A partir de 1938, uma nova instituição ocupou o antigo sítio: o Educandário Paula Cândido.

No que tange ao cemitério, pela primeira vez estava descolado de uma experiência hospitalar. A essa altura, a prefeitura de Niterói comunicou que possuía 10.151 metros quadrados (para comparar, o do Maruí tinha 50.151 metros quadrados). Curiosamente, as notícias sobre o espaço escassearam dos jornais. Na década de 1940 nada apareceu.

Devemos investigar se tal redução de atividade teve relação com a mudança de perfil da instituição.

Quinta fase - Escola de Enfermagem

Em 1947, em uma parte das antigas instalações do Hospital, reformadas para o novo fim, se estabeleceu a Escola de Enfermagem (fundada três anos antes), retomando o espaço sua velha vocação de acolher iniciativas no âmbito da saúde (sem que o Educandário deixasse de existir). Vale ainda citar que, em 1953, possivelmente em parte do grande terreno onde a princípio houve o Lazareto, se instalou o Hospital Psiquiátrico de Jurujuba.

A princípio vinculada ao governo do Estado do Rio de Janeiro, em 1950, a Escola de Enfermagem foi encampada pela na época criada Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 1960 federalizada e depois transformada na Universidade Federal Fluminense. Com tais mudanças, deixaria Jurujuba.

No tocante ao cemitério, percebe-se maior movimentação, inclusive com algumas ocasiões por motivos célebres. Lá foi inumada, por exemplo, em 1952, uma personagem importante da história nacional, Ermelinda de Vasconcellos, uma das primeiras brasileiras diplomadas em medicina.

Nessa década de 1950, o cemitério ainda teve um momento de fama por um curioso caso que mobilizou a população de Niterói: supostamente estaria saindo sangue da sepultura de Silvestre Alves, vulgo Bentinho, um bandido que foi espancado até a morte. O administrador Ernani Lazari se esmerou em negar o ocorrido, sem conseguir debelar a polêmica alimentada pelos jornais.

Um aspecto merece ser destacado. Aparentemente, a essa altura, a necrópole começara a adquirir um formato de “cemitério-jardim”, algo a se ter em conta no trabalho de prospecção arqueológica.

Sexta fase - Arquivo Central da UFF

Na década de 1960, quando a Escola de Enfermagem deixara Jurujuba, foi criado o Núcleo Central de Documentação da Universidade Federal Fluminense, em 1977 instalado

nos terrenos do antigo Hospital, onde permanece até os dias de hoje, com o nome de Coordenação de Arquivos.

No tocante ao cemitério, novo impulso teve em função da lotação do Maruí. Em 1962, estimou-se em cerca de 40 enterros por mês. A propósito, em Jurujuba foi sepultada uma pequena parte das vítimas de uma tragédia que deixou marcas na história da cidade – o incêndio do Gran Circo.

Nos anos 1960, começou a circular nos jornais a ideia de que a municipalidade possuía uma propriedade em São Francisco, nas redondezas do Aero-Clube, para que resolvesse o problema crônico da cidade no que tange aos sepultamentos. A Mitra se mobilizou para apoiar a iniciativa, inclusive com a doação de terrenos.

Trata-se do atual Cemitério de São Francisco, cujas origens se encontram no tempo dos jesuítas e que a partir de então foi ganhando relevância, tornando-se o principal da região (aberto até os dias atuais). Durante algum tempo, contudo, vemos ainda alguma movimentação no velho cemitério de Jurujuba.

Há que se investigar como se deu essa desmobilização do antigo campo santo, um processo que pode ter deixado indícios a serem encontrados o trabalho de prospecção arqueológica.

Sétima fase – atualmente

Nos dias atuais, estando o cemitério desativado, diversas instituições ocupam o grande terreno do Lazareto/Hospitais criados no século XIX, conjunto preservado pelos serviços de Patrimônio Histórico. Perceba-se que a área tombada é significativamente menor do que a original, o que significa que houve muitas intervenções no solo. Na zona da antiga necrópole, contudo, pode haver algum grau maior de preservação, hipótese que deve ser melhor prospectada nos trabalhos de campo.

Destaca-se que há ainda muitas instalações antigas com bom grau de preservação, tais como os edifícios do Colégio Estadual Matemático Joaquim Gomes de Souza, da Coordenação de Arquivos da UFF e da 79ª Delegacia de Polícia de Niterói

MAPAS

* Visão atual (google maps)

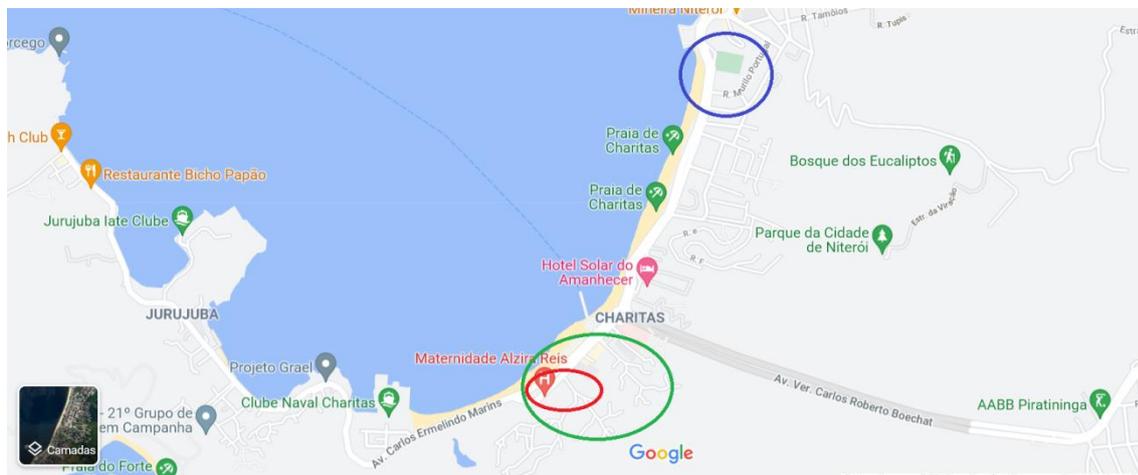


Imagem 1: Em azul, atual Cemitério de São Francisco. Em verde, área total do antigo Lazareto/Hospital Marítimo Santa Isabel/Hospital Paula Cândido/Educandário Paula Cândido. Em vermelho, atual área da Maternidade, possível área do cemitério, área de prospecção arqueológica.



Imagem 2: Em verde, área total do antigo Lazareto/Hospital Marítimo Santa Isabel/Hospital Paula Cândido/Educandário Paula Cândido. Em vermelho, atual área da Maternidade, possível área do cemitério, área de prospecção arqueológica. Em lilás, o Colégio Estadual Matemático Joaquim Gomes. Em rosa, a coordenação de arquivos da UFF.

* 1933



Imagem 3: Mapa de Niterói, 1933. Serviço Geográfico do Exército. Arquivo Nacional. Fundo Proveniência Desconhecida. Em vermelho, o Hospital.

IMAGENS

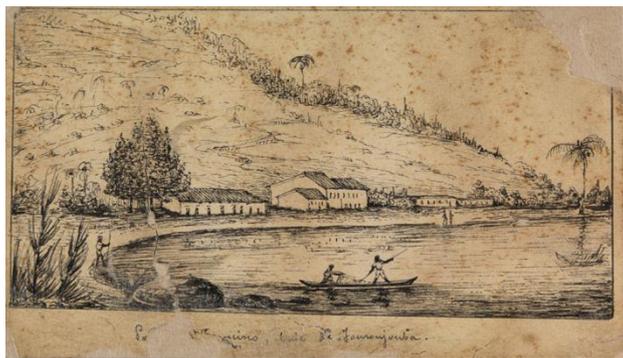


Imagem 4: Praia de São Francisco, Enseada de Jurujuba, 1836-1839.

Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
Disponível em: <http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.html>

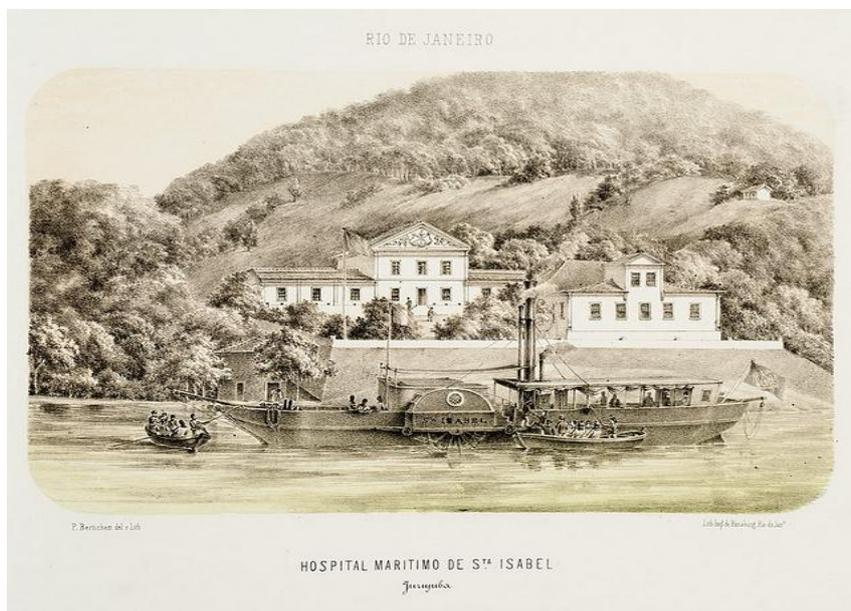


Imagem 5: Hospital Marítimo de Santa Isabel. Pieter Godfried Bertichen.

Litografia sobre papel, 1856, 31 x 45 cm.
Acervo Brasileira Iconográfica; Coleção Itaú Cultural.
Disponível em:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hospital Marítimo de Sta. Isabel Jurujuba, da Cole%C3%A7%C3%A3o Brasileira Iconogr%C3%A1fica.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hospital_Marítimo_de_Sta._Isabel_Jurujuba,_da_Cole%C3%A7%C3%A3o_Brasileira_Iconogr%C3%A1fica.jpg)

e

<https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/18133/hospital-maritimo-de-sta-isabel-jurujuba>

Perceba-se como o hospital ficava à beira-mar. Há mesmo na imagem uma embarcação com o nome da instituição, provavelmente o responsável por transportar os doentes.



Imagem 6: Hospital Marítimo de Santa Isabel.

Litografia disponível em:

KIDDER, Daniel Parish; FLETCHER, J. C. (James Cooley). O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941. Original de 1867.

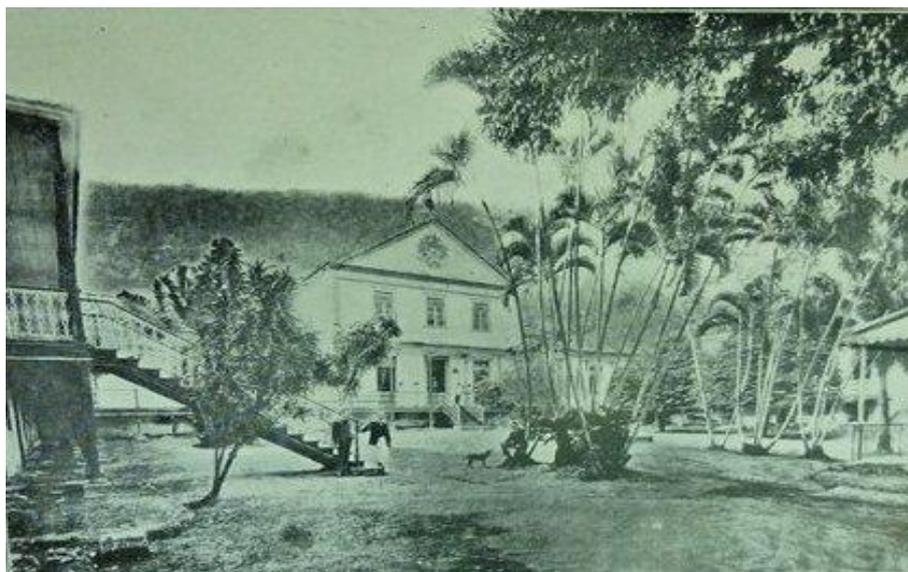


Imagem 7: Hospital Marítimo de Santa Isabel.

Sem maiores dados. Disponível em:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hospital_Mar%C3%ADtmo_de_Santa_Isabel.jpg

Área interna do Hospital



Imagem 8: Imagens do serviço do Hospital Paula Cândido.

Seamen's Hospital for infectious diseases in Jurujuba, Rio de Janeiro; a group of post-operative plague patients on the hospital balcony. Photograph, 1904/1911.

Disponível em:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Hospital Mar%C3%ADtimo de Santa Isabe](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Hospital_Mar%C3%ADtimo_de_Santa_Isabe)
↓



Imagem 9: Visão da Enseada de Jurujuba/Charitas desde o Hospital Paula Cândido.

Disponível em:

https://www.facebook.com/OlharNichteroy/photos/a.624252760935586/2693429817351193/?type=3&eid=ARANlzYCI2DujzY_mCZitz_XxAEy1jFVw2HKATHxtif3vnzYwecuk5gBrgUzaKj_pddpLHNxG8EsgT04

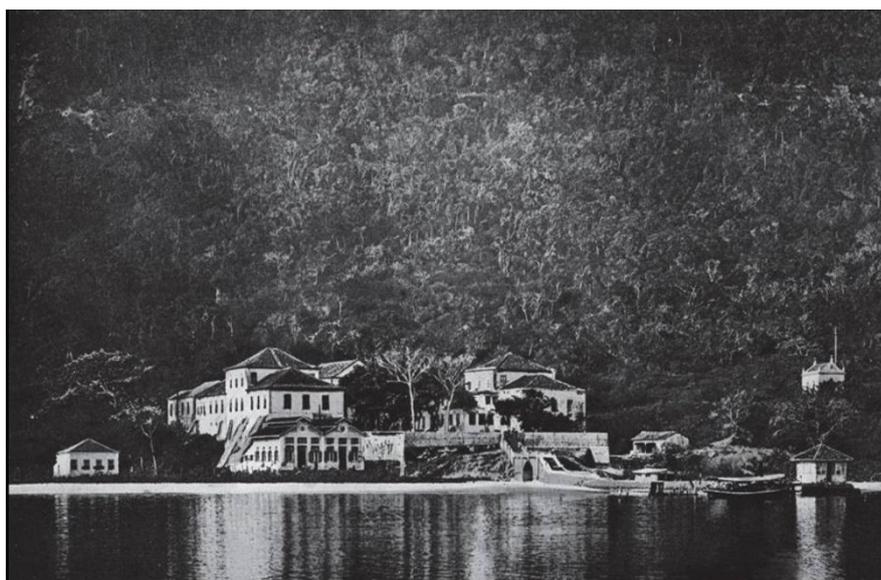


Imagem 10: Hospital Paula Cândido em 1911/1913.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/EspecialRioAntigo/photos/p.802216039861362/802216039861362/?type=3>



Imagem 11: Hospital Paula Cândido, 1921.

Disponível em: <http://www.ibamendes.com/2016/11/fotos-antigas-de-hospitais-antigos-vi.html>



Imagem 12: Educandário Paula Cândido, sem data.

Disponível em: <http://culturaniteroi.com.br/blog/depac/491>



Imagem 13: Escola de Enfermagem, década de 1950.

Disponível em: <http://arquivos.uff.br/cronologia-do-predio-da-car/>



Imagem 14: Núcleo de Documentação da UFF, c. anos 1980.

Disponível em: <http://arquivos.uff.br/cronologia-do-predio-da-car/>



Imagem 15: Casa da Princesa com letreiro do Colégio Estadual Matemático Joaquim Gomes de Souza

Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/niteroi-casa-da-princesa/#!/map=38329&loc=-22.934077943504754,-43.09956373049656,17>

BIBLIOGRAFIA

CABRAL, Dilma. *Hospital Marítimo de Santa Isabel*. 2016/2017. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/324-hospital-maritimo-de-santa-isabel>.

CASADEI, Thalita de Oliveira. Lazareto de Jurujuba - 1851 – O cemitério do Hospital Marítimo de Santa Isabel. In: CASADEI, Thalita de Oliveira (org.). *A Imperial cidade de Nictheroy*. Niterói: Serviços Gráficos Impar, 1988.

CANDIDO, Francisco de Paula. Relatório sobre a saúde pública da capital do Império tratando da febre amarela, do cólera-morbo, das moléstias ordinárias e das medidas necessárias, da Junta Central de Higiene Pública, da Comissão Sanitária e dos Hospital Marítimo de Santa Isabel. In: Relatório da Repartição dos Negócios do Império referente ao ano de 1856, publicado em 1857. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720968/per720968_1857_00001.pdf

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CORREA, Roberto da Silva. *O Hospital Marítimo de Santa Isabel: assistência aos estrangeiros (1851-1889)*. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais). Rio de Janeiro: CEFET, 2018.

FIGUEIREDO, Guilherme Araújo de. Cemitérios da cidade de Niterói: o descanso dos mortos e o medo. *Revista Paisagens Híbridas*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 204-223, 2018.

GOMES, Marcelo Augusto Moraes. *A espuma das províncias*. Um estudo sobre os inválidos da pátria, e o Asilo dos Inválidos da Pátria, na Corte (1865 - 1930). Tese (Doutorado em História). São Paulo: USP, 2017.

SCHATZMAYR, Hermann G; Cabral, Maulori C. *A virologia no Estado do Rio de Janeiro: uma visão global*. Rio de Janeiro; Fundação Oswaldo Cruz; 2009.

SOUSA, Jorge Prata de. Recrutamento e epidemia da cólera-morbo no interior da Província do Rio de Janeiro, década de 1860. *Navigator*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 28, p. 85-96, 2018.

SOUZA, Rosale de Mattos. *Histórico do prédio do Arquivo Central do Núcleo de Documentação da UFF*. Niterói: UFF, 2006.

TEIXEIRA, Jose Maria. Estudos sobre a febre amarela em 1877, observada no Hospital Marítimo de Santa Isabel. *Anais Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, t. XXXI, p.31-60; 185-200; 326-349; 518-530, jun.-dez. 1879.

TORQUATO, Shirley Alves. *Casa Nova-Vida Nova*. Mudança de endereço e reestruturação do consumo doméstico entre moradores do PAC-Morro do Preventório. Tese (Doutorado em Antropologia). Niterói: UFF, 2013.

WEHRS, Carlos. *Capítulos da memória niteroiense*. Niterói: Niterói Livros, 2002.

WEHRS, Carlos. 125 anos de presença germânica em Niterói, 1814-1939. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, ano 171, n. 447, p. 169-227, abr./jun. 2010.